

Quem brincou – brincou. Quem cantou – cantou. Um registro de um saber esquecido.

Maria Tereza Castro*

I. Introdução

*Percebo, em todos os casos, que cada imagem formada em mim
está mediada pela imagem sempre presente de meu corpo.*
Bergson.

O projeto de pesquisa **Histórias e Músicas de Brincadeiras e Brincantes** nasceu da necessidade partilhada por professores de Educação Musical da Escola de Música da UEMG de encontrar um repertório musical que revelasse e permitisse o desenrolar de um fio da vida cultural e da história de nossa cidade. Queríamos trazer a nossa terra para a sala de aula de música de crianças e inserir essa riqueza no trabalho cotidiano da Educação Musical.

Com esse propósito, defini um tempo e um lugar em que se brincou e cantou. Para tanto, foram entrevistados mulheres e homens nascidos em Belo Horizonte - ou que para cá vieram ainda crianças ou jovens - que aqui brincaram até meados do século passado (1950). O objetivo inicial do trabalho concentrou-se principalmente na recuperação de brincadeiras e canções executadas por eles e no reconhecimento desse corpo de saberes como memória.

Todavia, a dimensão do universo a que pertenciam as cantigas e brincadeiras como memória não foi imediatamente identificada; ela surgiu ao longo da pesquisa. Tal dimensão poderia ser descrita como a capacidade de um objeto de pesquisa sensibilizar e humanizar o olhar do pesquisador enquanto observa.

De fato, ao entrar em contato com grupos de brincantes em Belo Horizonte, reconheci um, especialmente, que norteou o começo do trabalho, e acabou por direcionar o objeto da pesquisa para a memória e não somente para o repertório, como fora previsto anteriormente. Esse divisor de águas foi o *Grupo Meninas de Sinhá*, formado unicamente por senhoras com mais de sessenta anos e moradoras do Bairro Alto Vera Cruz.

* Professora no Curso de Música do Departamento de Arte da Universidade Federal de Ouro Preto (DEART-UFOP), formada pelo Conservatório Brasileiro de Música e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE da UFMG).

Meninas de Sinhá: brincantes sexagenárias

O encontro com as *Meninas de Sinhá* não se limitou a possibilitar o contato com um repertório belíssimo, mas também nos colocou face a face com um grupo capaz de partilhar a sua experiência com a maior generosidade, como atestam os ensaios abertos ao público geral. Era preciso dedicar atenção ao fato de que as *Meninas de Sinhá* sentiram a necessidade de trazer de volta suas brincadeiras de infância e organizaram-se para alcançar essa meta.

Ao reconhecer que se iniciava no trabalho do *Grupo Meninas de Sinhá* uma etapa do empreendimento que eu me propunha realizar, novas questões se abriram: quem brincou? Quem cantou? Onde? Com quem? Como? E as respostas: estórias vivas – memórias... As apresentações desse grupo me fizeram perceber que eu poderia ampliar meu objeto de estudo. Essas senhoras que brincam e cantam como forma de tornar ainda mais bela uma vida de lutas em todos os níveis da existência humana, na sua simplicidade, jogaram luz no percurso de toda a pesquisa.

Além do *Grupo Meninas de Sinhá*, atuante até hoje, outros grupos organizados, porém inativos no que se refere ao brincar, foram entrevistados: senhoras da Ação Católica, Grupo de Terceira Idade da Escola de Educação Física da UFMG, o Asilo Frei Zacarias, Grupo de Idosos do Centro de Apoio e Convivência (instituição filantrópica que se dedica ao apoio e assistência ao idoso), o Kala (Centro de convivência de idosos independentes e autônomos) e pequenos grupos familiares nos quais irmãs, pais, mães, filhas e netas cantam canções aprendidas na primeira metade do século passado. Encontro também esclarecedor foi com o grupo de jovens brincantes, o *Pandalelê*, dirigido pelo professor Eugênio Tadeu Pereira e formado pelos alunos do Centro Pedagógico da UFMG. O *Pandalelê* revelou-se uma possível continuidade do presente trabalho.

Foram gravados depoimentos de senhoras e senhores de idade superior a 60 anos que passaram sua infância ou parte dela em Belo Horizonte, em um momento em que eles buscavam na memória as canções e brincadeiras vividas na infância. Esse registro foi editado em vídeo e o repertório de canções e brincadeiras foi transcrito em partituras.

Entendi, inicialmente, o repertório recolhido como uma resultante de forças. Forças culturais, morais, políticas, religiosas e raciais, e, agora, aventurei-me numa nova perspectiva, em que nossos personagens e brincadeiras se tornam presentes, mesmo no passado:

II. A memória

Das infinitas vezes em que reli anotações, revi as conversas feitas em gravações de vídeo recolhidas das entrevistas e busquei na memória a grande emoção de todos os encontros com os velhos conterrâneos que viveram em Belo Horizonte no começo do século passado, construí uma teia na qual, asseguro, posso enxergar em uma fresta o que foi a nossa cidade, nossa gente, nossas brincadeiras e canções. Posso ouvi-las e posso escrevê-las.

Ao observar nossos velhos buscando em suas vidas as suas estórias, percebi a memória como um movimento. Para possibilitar o entendimento dessa dinâmica, busco o recurso de uma metáfora: dois espelhos planos colocados frente a frente, como nas brincadeiras de infância. Cada velho entrevistado se olha e permite que seu olhar, em plano paralelo com o espelho, reflita sua própria imagem. Nesse deslocamento, essa imagem recua, traz uma antiga imagem de sua vida - novas estórias passadas - e retorna à frente, não mais como a imagem inicial, mas com a interpenetração das duas, que, claro, resulta numa terceira. No bate de cá e volta de lá, formam-se infinitas imagens, tantas quantas a primeira, que já se alterou, permitir trazer à tona. Espelho dentro de espelho, imagem dentro de imagem, corpo dentro de imagem, imagem dentro de corpo. Algumas vezes volta aqui, presente, o corpo cansado; constata-se que ele enrijeceu ou talvez, pelo contrário, tenha se tornado mais suave, velho, vivido, vivo. Tudo isso são coisas que precisamos aprender.

Quanto à música, vi, muitas vezes, um olhar vago - espelho buscando o ajuste de seu contra-espelho - tentando fazer novas, antigas vidas. Alguns se puseram solo, em dois, três, quatro e até em grandes grupos diante destes espelhos. Quando acontecia um vazio e, por alguns instantes, nada se refletia, a ajuda de alguém como um filho, filha, irmã, marido ou neta traz a imagem de volta ao corpo que está ali, olho com olho, espelho com espelho. Não é possível mais colocar na ordem exata: primeira imagem, segunda, terceira... Elas criam vida, no mesmo corpo. Nossos velhos voltam ao presente, emendam um pedacinho de música que faltava e voltam num átimo para um corpo que, naquele instante, parece-lhes mais vivo - uma criança do lado da mãe que canta para dormir, ou um flerte que acelera o coração na roda da ciranda - o que foi e o que é, uma memória viva. Em alguns momentos, muitos velhos rejeitam suas vozes cansadas, graves e presentes. Querem aquela voz do espelho, que alcança todos os agudos, que canta na coroação de Nossa Senhora, na voz da pastorinha, na roda, na brincadeira, na festa, na missa.

O passado e o presente integram-se num sucessivo encaixe de imagens, como pedras de dominó que se enfileiram em direções opostas, criam vontade - vão e voltam sem mais se preocuparem com a ordem de lá para cá. É o presente que traz a milésima pedra e é do presente que ela é formada como também é do passado que o presente se forma. Todas essas forças ainda vivas, atuantes, alteram os próprios sentidos - criando novos significados a cada instante e construindo a memória. Os dominós, os espelhos ou os olhos vidrados na memória não desalinham tal estrutura, mas vão e voltam, sem o menor constrangimento linear ou hierarquia de ordem cronológica. Algumas vezes, se baralham claramente, sem que corpo/imagem perceba; em outras, ao contrário, a confusão é percebida e há constrangimento - a imagem descola do corpo que se cala e não reflete mais.

Ao perceber a criação deste mundo, de profundidade infinita, teci uma roda, onde todos os velhos entrevistados se deram as mãos e, junto de cada um, seu par de espelhos infinitos e suas vidas e seu passado se entrelaçaram. Formaram-se, assim, inúmeras rodas, com

muitas vidas e que se tornaram um corpo. Esse espaço real, refletido, aos meus olhos, tornou-se absolutamente vivo. O que pude enxergar descreverei com cuidado para não criar constrangimento em qualquer voz grave de tanto viver e cantar.

III. De volta ao corpo da pesquisa

As canções encontradas foram registradas, mas não se tornaram o ponto final da investigação. Acredito no encontro com uma memória viva e deste lugar construí meu olhar.

Na trilha da memória das brincadeiras e brinquedos cantados, com o foco na ação de lembrar e de brincar, uma vida, um cenário e a brincadeira aparecem ao mesmo tempo.

A partir de então, criou-se a necessidade de trazer o cenário de uma cidade onde cada rua, cada bairro, cada casa definia um tipo de vida que se alimentava de todos esses espaços que, de alguma forma, definiram uma infância constituída na liberdade de brincar. Um *onde* que nos remete a casas, quintais, praças, escolas, ruas e bairros de uma cidade no mínimo 50 anos menos complexa, sem violência, trânsito ou perigo. Cada senhora e cada senhor traz a memória da casa onde morou, do quintal, da casa da avó, tios ou amigos, da rua - de quem morava onde - das árvores, das praças, dos córregos...

As brincadeiras cantadas fizeram parte de uma infância que nasceu ou que veio para Belo Horizonte na primeira metade do século XX e aconteciam nos quintais, nas ruas ou praças. Elas não eram organizadas pelos adultos; ao contrário, estes só apareciam depois, para censurar ou proibir qualquer violação aos bons costumes da infância, como deixa bem claro D. Leonor, uma das senhoras entrevistadas. Os irmãos, primos, amigos (que se definiam pela vizinhança) constituíam as turmas de brincantes. A brincadeira, apesar de não poder ultrapassar certos limites de uma moral cristã que variava muito pouco de família para família, acontecia num espaço sem perigos, longe dos olhos dos adultos. Semelhante espaço mostra-se um elemento essencial, responsável pela sensação de liberdade que todos mencionam. A ausência de uma ordem estabelecida pelos adultos também se revela fator significativo para criar essa sensação de liberdade. D. Ilda comenta, consternada, a necessidade do neto ir para uma escolinha para poder jogar futebol: "Imagina, é mais um professor! Eles não podem mais pegar a bola e chamar os amigos, quando entenderem."

Aos doze anos, por volta de 1936, as irmãs D. Lolô e D. Heloísa andavam de bicicleta na Praça Raul Soares, que "era um verdadeiro deserto", com seus irmãos e amigos de turma. D. Lolô lembra-se dos nomes de muitos deles, do local onde moravam, de quem eram filhos e qual a profissão de seus pais.

Todos os nossos entrevistados são unânimes na seguinte consideração: "aquele tempo era muito diferente, era muito bom!" Alguns afirmam com consciência do que realmente mudou: "O que realmente mudou foi a liberdade. Nossa infância era livre, na rua, sem perigo, brincando do que quiséssemos!" Ou, ainda: "Naquele tempo... nós tínhamos tempo. Tínhamos tempo para conversar, para passear, para visitar..."

O *com quem* nos indica irmãos, primos, amigos e turmas de rua. Entramos em contato com famílias grandes: irmãos, irmãs, primos, primas - que assumiam o centro e a referência da vida de todos -, mães dedicadas ao lado de pais algumas vezes “severos, mas muito bons”, ou pais amorosos e mães “rigorosas, apesar do carinho”.

Percebemos que algumas brincadeiras eram para meninas e meninos, ao passo que outras eram exclusivas de um ou outro sexo. As escolas não ocupam lugar de destaque na memória da brincadeira de nossos velhos, pelo menos em comparação com as turmas de rua e a vivência em famílias.

Um exemplo que destoa no conjunto é o de D. Helena, que era filha de professor, aprendeu a cantar na escola e chegou a cantar para Heitor Villa Lobos. “Eu gosto de cantar certo, porque depois foram inventando outras coisas...” D. Helena lembra-se dos arranjos criados por Villa Lobos e acredita que essa seja a única versão confiável de nossas canções. Até hoje ela sabe cantar a duas ou mais vozes, assim como fazia na infância. O que é mais fantástico: ensinou para os filhos e cantava com eles a duas ou mais vozes. D. Leonor também aprendeu a cantar muitas músicas pelo canto orfeônico na escola, com D. Maria Amorim, na Escola Normal (que funcionava no prédio do antigo Instituto de Educação). Ao falar de sua vida, ela se recorda de muitas coisas com detalhes e os revela com clareza.

Dona Valdete, do *Grupo Meninas de Sinhá*, afirma que a idéia de retomar a prática da brincadeira de roda surgiu ao se falar da necessidade de as idosas se cuidarem melhor, uma imposição da velhice: “Começamos a fazer ginástica e expressão corporal, era preciso mexer o corpo. Um belo dia, alguém sugeriu: Vamos brincar de roda? Desse dia até hoje começamos a brincar, uma foi passando pra outra o que lembrava e ninguém mais quis saber de bordar e fazer fuxico.” Destaca ainda a importância de todas estas atividades ligadas ao brincar das *Meninas de Sinhá* o fato de muitas senhoras deixarem de adoecer e consumir muitos remédios.

Podemos dizer que a ação de brincar se constituiu em espaços amplos e que as próprias crianças escolhiam e organizavam as brincadeiras, mesmo que elas fossem censuradas posteriormente. As famílias ocupam lugar de grande referência na memória e as escolas se revelam conservadoras. As meninas podiam brincar até a adolescência, quando se tornavam meninas-moças. Aí a brincadeira podia até ter um leve tom de “flerte”. A partir de uma certa idade, os meninos trocavam as calças curtas por compridas e não participavam mais das brincadeiras. AOOs festas religiosas eram sempre comemoradas com música: natal, páscoa, coroações, São João e missas eram ocasiões festivas. A natureza constituiu um cenário significativo: subir nas árvores, pegar ovinhos de passarinhos, usar panelinhas feitas de barro pelas próprias crianças, fazer guisado em fogãozinho de lenha, usar bexiga de porco para cena do cinema, andar descalço até entrar para a escola, as redes penduradas nas árvores, mato, cobra, rios ou córregos, confete de folhinhas de árvores, jogo de cinco marias com pedrinhas, peteca de palha de milho e pena de galinha, guerra de mamona...

Nossos velhos conterrâneos cantaram ou contaram com muito gosto como eram as brincadeiras, com quem brincavam, com quem preferiam brincar, como eram as festas, suas casas, suas famílias. A todos eles, agradeço com profundo carinho.

IV. Exemplar de material recolhido na pesquisa:

165

Vestidinho Branco

(Melodia cantada por D. Maria Elisa no dia 10/10/2002)

Vestidinho branco, em todas fica bem

Mas na Maria Elisa ô lelé (2 vezes)

É mais do que ninguém

É mais do que ninguém

Por dentro e por fora

A letra que_ela namora ô Lele (2 vezes)

E é a letra “M”

A letra que_ela namora e sempre namorou

E ao sair da roda ô Lele (2 vezes)

A mão lhe apertou

A mão lhe apertou

e bem apertadinha

para o ano se Deus quiser (2 vezes)

Maria Elisa tá casadinha

Artefilosofia, Ouro Preto, n.1, p.160-166, jul. 2006

Cortes de depoimentos¹

“Eu brincava de roda na rua ou na praça, até mais de dezesseis anos. Eu me lembro porque eu conheci Márcio (seu marido) brincando de roda. Eu tinha 16 anos e ele também. Nessa época eu brincava de roda, mas ele não, já usava calça comprida. Até os doze anos os meninos brincavam, nessa idade trocavam a calça curta pela comprida, aí não podiam brincar mais. Pelo menos de roda não.”²

Revelações e cortes de depoimentos³

Oh que noite!

Oh que noite tão bonita

Oh que céu tão estrelado

Quem me dera eu ter agora

O meu lindo namorado

Lá no céu tem três estrelas

todas três enfileiradas

uma é minha a outra é sua

a outra é do meu namorado.

Ao cantar, D. Leonor revela a vigilância que existia em sua família, destacou inúmeras brincadeiras censuradas, e o fez com muita vivacidade. De um lugar ímpar, conta que desde menina percebia com clareza o rigor e que não concordava com alguns valores impostos pelos mais velhos, a tal ponto de quebrar um forte cerco que impedia às mulheres o estudo, formando-se em medicina. Fez o curso de Formação “*porque as mulheres tinham de fazê-lo*”, prestou vestibular para medicina e concluiu o curso, feito que nenhuma de suas colegas conseguiu alcançar. No universo de comportamento feminino da época, D. Leonor constituía uma exceção.

¹ A escolha de tais cortes foi feita com o objetivo de trazer a voz de alguns dos entrevistados para revelar um pouco da beleza do universo aqui encontrado.

² Entrevista realizada pela pesquisadora, na residência da D. Maria Elisa, em Belo Horizonte, em outubro de 2002, e gravada em fita digital de vídeo (mini DV).

³ Entrevista realizada na residência da D. Leonor, em Belo Horizonte, pela pesquisadora, em outubro de 2002, e gravada em fita de vídeo (VHS) e o áudio em MD.

“... Ó, vocês param com esse negócio. Essas coisas de namorado não é pr’ocês, não.”

“... Cantava também no domingo, as meninas... a gente ia para a missa, a professora reunia as meninas ali em volta e cantava lá na missa também. Mas aí eram essas músicas: Com minha mãe estarei. Eles cantam até hoje, né?”

E o que era a brincadeira dos meninos?

“Ah não, os meninos não gostavam de cantar. Nós gostávamos muito de fazer era modelagem. Pegava o barro, amassava, fazia panelinha. Quando chegava a tarde... eram duas irmãs que moravam na mesma fazenda. Uma com a casa aqui e a outra em frente. Era minha mãe e minha tia. Ela tinha só filhos homens e lá em casa nós éramos três mulheres, na ocasião. E tudo assim, de idade correspondente. Então a gente brincava muito, fazendo massinha assim de barro e panelinha e tudo mais. Eu tinha nessa ocasião seis anos, a minha irmã mais velha tinha oito, e meu primo mais velho tinha dez. Depois tinha outro de oito, que era mais companheiro da ... tinha um de seis que era mais meu companheiro. E a minha outra irmã era menorzinha e tinha outro que brincava com ela. Brincávamos todos juntos e a gente brincava de fazer essas figurinhas. Mas, depois, a minha mãe fechou essa cerâmica e minha tia, sabe?... por causa de indecência... (e ri).

O meu primo mais velho fez as bonequinhas e botou os órgãos sexuais. Ah minha filha, aquilo foi um escândalo... Quando mamãe e minha tia viram... e nós ríamos até não poder mais. Aí minha mãe e minha tia foram lá e nós fomos proibidos de fazer esses bonequinhos de barro.”

Bibliografia:

- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291 p.
- BORGES, J. L. *O Livro de Areia*. Tradução de Lígia Morrone Averback. São Paulo: Editora Globo, 1995.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 484 p.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.
- SILVA, M. A. S.; GARCIA, M. A. L.; FERRARI, S. C. M. *Memória e Brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Cortez, 1989.